

GUIA DE RECOMENDAÇÕES PARA CONSULTAS DE ENFERMAGEM À DISTÂNCIA

A telenfermagem como ferramenta fundamental para nortear a atuação dos enfermeiros

A palavra teleconsulta tem sido uma das mais pronunciadas nos últimos tempos, não tanto pela novidade em si, mas pela sua utilização crescente em período pandémico. A Secção Regional do Centro da Ordem dos Enfermeiros decidiu elaborar um Guia que ajudasse estes profissionais a lidar melhor com a teleconsulta.

Com a pandemia, as consultas à distância aumentaram e, para fazer face a um “novo normal”, a Secção Regional do Centro (SRCentro) da Ordem dos Enfermeiros (OE) lançou o *Guia de Recomendações para Consultas à Distância – Telenfermagem: Recomendações*. O



Pedro Lopes

objetivo é elencar as melhores práticas a adotar e estabelecer de que forma devem atuar os enfermeiros para que se mitigue o impacto desta ferramenta junto dos utentes.

“Este documento nasceu do planeamento, empenho e perseverança de uma equipa, devendo ser um orgulho para todos os enfermeiros no garante da qualidade dos cuidados prestados”, disse Pedro Lopes, presidente do Conselho de Enfermagem Regional da OF - SRCentro.

O grupo de trabalho envolveu não somente enfermeiros, mas também um conjunto de *stakeholders* e parceiros, como a SPMS - Serviços Partilhados do Ministério da Saúde, entidades hospitalares e associações de doentes. “Além do benefício direto para utentes, profissionais e gestores na área da saúde, apraz-me ter constatado a verdadeira colaboração entre todos, particularmente no que respeita às associações de doentes”, afirma Ricardo Ferreira, coordenador do Guia.



Ricardo Ferreira

O grupo de trabalho envolveu não somente enfermeiros, mas também um conjunto de stakeholders e parceiros, como a SPMS.

A enfermeira Georgina Pimentel, que participou igualmente na elaboração do documento, considera que este pode ser “uma ferramenta fundamental

para nortear a atuação dos enfermeiros, bem como para garantir um conjunto de dimensões que as instituições devem implementar para assegurar a qualidade e a segurança destes cuidados”.

Mas, como salienta, é preciso promover-se “uma rede de dinamizadores internos nas instituições para a utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC) em saúde e definindo procedimen-



Georgina Pimentel

tos onde constem os critérios e normas para a telenfermagem”.

O Guia foi concebido na sequência da pandemia, mas pretende ser uma ferramenta a utilizar no futuro, na medida em que poderá ser complementada à atividade assistencial. “Trata-se de um pla-

no de cuidados mais inclusivo e célere, daí termos publicado fluxogramas que permitem uma consulta simples e rápida. Isto apesar de, obviamente, ser importante a sua otimização no contexto de cada unidade”, refere Georgina Pimentel.

Mais do que manter a continuidade de cuidados, este Guia é visto pelo grupo de trabalho que o elaborou como uma forma de promover a melhoria do registo eletrónico de dados de saúde e a sua partilha a nível nacional, sendo assim “uma ferramenta indispensável à eficácia e efi-

ciência de um sistema de saúde moderno”, refere Georgina Pimentel.

Neste âmbito, a enfermeira do Serviço de Reumatologia do Centro Hospitalar e

Universitário de Coimbra realça que as notas de alta/transfêrencia devem conter, obrigatoriamente, todos os dados, para que sejam acedidas no Registo de Saúde Eletrónico

(SER) pelos profissionais de saúde. “É incontornável a cooperação entre os enfermeiros da comunidade e os dos hospitais, sendo um fator decisivo para o sucesso

de modelos geradores de confiança da população, a satisfação dos doentes e ainda melhores resultados na gestão integrada do doente em fase aguda ou crónica”, afirma.

O testemunho de uma grávida da UCC Coimbra Saudável

Em tempos de pandemia tudo se torna mais desafiador, na vida de todos, e não foi diferente para mim. 2020, primeira gestação, muitos medos, insegurança, o que vai acontecer? E agora, tudo a fechar, a parar? Foram essas e outras mil perguntas que fiz. E foi quando numa consulta do meu centro de saúde, junto da minha equipa de saúde familiar, recebi uma bela notícia relacionada com a inscrição no Curso de Preparação para o Parto Online.

Foi aí que conheci a Enf.ª Carla, que desde o início se apresentou com muito carisma e profissionalismo, ministrando nas suas aulas online ensinamentos e dicas preciosas para qualquer “mamã de primeira viagem” como eu... As aulas eram dinâmicas, práticas e também repletas de muito conhecimento... No meu ponto de vista, nada deixou a desejar, por não ter sido presencial.



Muitas das suas dicas e ensinamentos fizeram parte do meu puerpério e fazem até hoje... e, logo após o parto, também fui convidada a participar no Curso de Pós-Parto Online, do qual faço parte atualmente... Já estou a amar!

Obrigada e gratidão são palavras que posso atribuir a esses cursos. Obrigada por tornarem a minha gestação e a minha maternidade mais leve, com tantas informações e dicas preciosas.

Vanessa Vieira Bosso Takatori

Os 10 pontos essenciais

- 1 – As instituições dos diferentes níveis e contextos de cuidados de saúde devem garantir a utilização das TIC em saúde pelos enfermeiros, assegurando o acesso a equipamentos adequados e a formação para a sua utilização.
- 2 – Cada contexto de prestação de cuidados deve possuir um procedimento onde constem os critérios e normas para a realização da telenfermagem.
- 3 – As instituições de saúde devem estabelecer parcerias com outras entidades, a fim de melhorar a equidade no acesso aos serviços prestados à distância e promover a literacia digital em saúde.
- 4 – O enfermeiro deve informar o utente, em contacto prévio, do objetivo e do modo de funcionamento da consulta à distância e obter o seu consentimento informado, de acordo com a legislação vigente.
- 5 – O enfermeiro e o utente, num processo de decisão partilhada, devem decidir quais as ferramentas mais adequadas, entre as existentes, a utilizar em telenfermagem.
- 6 – Sempre que o enfermeiro considere que a informação fornecida pelo utente, de forma telemática, não é clara ou suficiente para a tomada de decisão clínica, deve encaminhar para outra forma de cuidado.
- 7 – Todos os cuidados em telenfermagem devem ser devidamente documentados no processo do utente, de acordo com o modelo de registo da instituição.
- 8 – Após a consulta de telenfermagem deve ser enviado o plano terapêutico para o utente ou pessoa por si designada, utilizando o meio previamente acordado.
- 9 – Ao usar as TIC na saúde, o enfermeiro deve atender ao valor terapêutico da comunicação com o utente e recriar o ambiente propício para a sua concretização.
- 10 – O modelo de financiamento e de organização da telenfermagem deve ser continuamente avaliado com vista a permitir maior integração, segurança e efetividade dos cuidados de Enfermagem nas instituições de saúde.

Apoio à parentalidade à distância

Carla Silveira, enfermeira na UCC Coimbra Saúde, já antes da pandemia estava responsável pelos cursos de preparação para o parto e parentalidade, assim como na recuperação pós-parto e no apoio à amamentação. Sendo enfermeira especialista em Saúde Materna e Obstétrica, dava apoio aos casais em sessões presenciais, com uma componente teórico-prática.

Com o surgimento das primeiras infeções por SARS-CoV-2 em Portugal, juntamente com a restante equipa, teve que cancelar qualquer iniciativa. “Os pais e as mães ficavam, assim, sem possibilidade de ter apoio numa fase tão importante das suas vidas e que gera tantas dúvidas. Contudo, muitos perguntavam-nos se não seria possível fazer alguma coisa à distância e foi aí que avançámos com as sessões de telenfermagem”, recorda Carla Silveira, em declarações à *Just News*.

A telenfermagem não era uma novidade, mas também não era a prática mais habitual. “Exigiu, sem dúvida, um esforço adicional de criatividade e inovação a todos nós, mas na nossa profissão já estamos acostumados a ter de inovar, porque o que realmente conta é a prestação de cuidados de qualidade aos nossos utentes”, frisa.

Iniciaram-se então sessões *online* – práticas e teóricas –, o que obrigou a uma reformulação dos programas, à atualização dos procedimentos, a uma adaptação do espaço físico e a ter recursos materiais e educativos digitais. Era assim estabelecido um primeiro contacto com os casais, para que a equipa pudesse avaliar melhor, nomeadamente, os seus conhecimentos – alguns eram pais pela primeira vez, outros não –, além de ter sido criado um *e-book* de apoio para a preparação para o parto e também para o pós-parto.



Carla Silveira

Um segundo estudo debruçou-se sobre os grupos de assistência virtual na gravidez e pós-parto, que teve lugar entre 16 e 26 de novembro de 2020. 100% da

amostra reconheceu a sua pertinência e utilidade.

As principais vantagens referidas prendem-se com o esclarecimento de dúvidas, nomeadamente sobre cuidados aos recém-nascidos, pós-parto, amamentação, saúde infantil e pediátrica, gravidez, saúde oral e trabalho de parto, entre outras. “Pode-se mesmo dizer que se reforçou a proximidade entre os profissionais de saúde e os casais, o que é muito importante”, considera Carla Silveira.

A telenfermagem não era uma novidade, mas também não era a prática mais habitual.

Outras vantagens prendem-se com a redução das deslocações a instituições de saúde, nunca se deixando de promover a literacia em saúde. “O recurso às TIC proporciona, de facto, o empoderamento dos casais, que passam a ter acesso a uma informação mais credível e segura”, conclui a enfermeira.

